

## The Project Gutenberg eBook of O doido e a morte

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org). If you are not located in the United States, you'll have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: O doido e a morte

Author: Teixeira de Pascoais

Release date: January 15, 2008 [eBook #24291]

Language: Portuguese

Original publication: Porto: Edição da Renascença Portuguesa, 1913

Credits: Produced by Vasco Salgado

\*\*\* START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK O DOIDO E A MORTE \*\*\*

Produced by Vasco Salgado

# TEIXEIRA DE PASCOAES

**+O DOIDO+**

**+E A MORTE+**

Edição da  
Renascença Portuguesa  
Pôrto—1913

**+O DOIDO+**

**+E A MORTE+**

## OBRAS DO AUTOR

*Sempre*—1897 *Terra Prohibida*—1899 *Sempre* (2.<sup>a</sup> edição)—1902 *Jesus e Pan*—1903 *Para a Luz*—1904 *Vida Etherea*—1906 *As Sombras*—1907 *Senhora da Noite*—1908 *Marános*—1911 *Regresso ao*

## TEIXEIRA DE PASCOAES

### +O DOIDO E A MORTE+

Edição da *Renascença Portuguesa* Pôrto—1913

Impresso em Fevereiro de 1913 na Tipografia Costa Carregal, trav. Passos Manuel, 27—Pôrto.

A Philéas Lebesgue

Era uma fria noite de Natal.  
Já no zenith a lua derramava  
A sua palidez misteriosa,  
Transfigurando as cousas que se mostram  
Na sombra, com seus gestos de Phantasma  
E atitudes de estranha Aparição...

Nos solitarios longes montanhosos  
A nevoa e o luar, chimericos, deliam  
A moribunda face da Paisagem...  
E esta, por um milagre e encantamento,  
Se espiritualisava, convertendo-se  
Em Figuras de sonho, aéreos Corpos...  
E eram perfis de Fadas espreitando,  
Asas de Serafins que, no seu vôo,  
Pareciam levar alguma Virgem...

A aragem fria e fina arripiava  
As arvor's e os nocturnos viandantes,  
E retocava o brilho das estrelas.

Os pinheiros gemiam surdamente;  
E na face das pedras espelhada,  
O luar abria n'um sorriso triste.

Vultos negros, opácos de penedos  
Erguiam-se somnanbulos e mudos  
No crepusculo, e olhavam como Esphinges...

O Silencio reinava: era o Senhor  
Da noite e da paisagem, e o seu Reino  
Para além das estrelas se estendia...

Por um longo caminho esbranquiçado,  
Entre pinhaes sombrios e confusos,  
A Morte cavalgava a largo trote.

As patas espectraes do seu Cavallo  
Ouviam-se bater na terra dura  
E sonora que o gêlo trespassava.

E aquele ruido sêco, difundindo-se  
Na merencoria lividez do ceu,  
O ensombrava de lagrimas e mêdos...

E figurava o ar a feia Morte,  
Envolta n'uma tunica de sombra,  
Segurando na mão, só feita de ossos,  
A Fouce, em cuja lamina lusente  
Se espelhava o luar...

Seus fundos olhos  
Encovados, volvidos para dentro,  
Eram poços de treva, onde os morcêgos,  
As estrelas, as arvores, as nuvens,  
Iam ver sua imagem reflectida.

Os passaros nocturnos, celebrando  
A Noite nos seus cantos agoireiros,  
Esvoaçavam de encontro áquelas orbitas  
Vasias, descarnadas: dois buracos  
Apagados de luz, sêcos de lagrimas,  
Sobre um aberto riso empedernido.

E a Morte cavalgava a largo trote,  
Por um ermo caminho esbranquiçado,  
No arrepio da Noite e do Misterio...

O vento fino e frio maguava  
As arvores, fazendo fluctuar  
A tunica da Morte que envolvia  
Seu corpo de esqueleto e as largas ancas  
Do seu Cavalo, cuja sombra inquieta  
E nervosa manchava a estrada clara.

E atravessava agora um indeciso  
Planalto, em formas vagas, emergindo  
Da cerração nocturna dos pinhaes.

As arvores fugiram... Simplesmente  
Um rasteirinho tójo agreste e bravo  
Vestia de humildade aquela terra.  
Nas suas hastes hirtas e espinhosas,  
Aqui, além, por toda a parte, emfim,  
Gôtas de orvalho, vivas, acordavam...  
E em seus liquidos seios de esplendor,  
Presentia-se a lua encarcerada  
Mostrando a face animica e divina.

N'esta altitude o Vento, embrandecendo,  
Era uma sombra alada... E a lua, a prumo,  
Fulgia sobre a Morte que alongava  
Os olhos pelo túrbido horisonte  
Mais delido no céu e mais longinquo,  
D'uma materia feita de chimera...

De vez em quando, ouvia-se um confuso,  
Surdo rolar de rochas que desciam  
Dos outeiros ás margens dos regatos;  
Iam matar a sêde secular  
Que lhes ficou dos tempos em que fôram  
Raios de estrela florescendo a Lua.

E vinham na asa múrmura da aragem  
Bater de palmas, risos de cristal,  
Rasgando agudas fendas no Silencio.  
Eram Bruxas malditas, pobres Ninfas,  
Amantes do Demonio em vez de Pan;  
Amam a noite triste e os êrmos sitios...  
Trocaram seu antigo amor divino  
Pela ironia escura e demoniaca;  
E as florestas sagradas e o sol claro  
Pelos bócos profundos, pela noite,

Pelos silvaes espêssos e aguas êrmas  
Que a sombra torna lividas e mortas,  
E onde as cousas nocturnas se reflectem  
Desmaterializadas, redusidas  
Ao seu simples e animico esqueleto...

E outras Bruxas, em bandos luarentos,  
Passavam, no ar, dançando em turbilhão  
Com alados Demonios coruscantes...

E o Mêdo, avô remoto de Phantasmas,  
Sombra ancestral de Deus e da Piedade,  
Condensava o luar em frias lagrimas,  
Marmorisava os fluidos Longes vagos...

As Figuras da Noite, as Creaturas  
Do nosso Pensamento, despertavam  
Mal ouviam trotar a Morte... E a lâmina  
Da sua Fouce ia, em curva, pelo céu  
De horisonte a horisonte; e a sua túnica  
Parecia manchar toda a Paisagem...

Subito, a Morte soffreou as redeas  
Do Cavalo-Phantasma em que montava,  
Estacando no meio do planalto.  
E a sua sombra morta se tornou  
Imovel, negra sobre a terra branca  
E sonora e marmorea do caminho.

Surgira, d'improviso, um vulto humano  
Ante o vulto chimerico e fatidico  
Da Amazona da Noite que escondêra,  
Na tunica de outomno e de crepusculo,  
O rôsto de caveira, onde o luar  
Batia, como sobre um frio marmore.

E antes que ela falásse, aquele Vulto  
Soltou no ar sombrio, uma risada;  
E o Echo, estremunhando, repetiu-a,  
E foi, de vale em vale, desfazer-se,  
Cinza de som, na cinza da Distancia.

E ela, irada, agitando a relusente  
Fouce cruel, gritou: "Quem és? Quem és?  
Mas quem se atreve assim a rir da Morte?"

"—Eu—este doido espirito que ri...

"Gosto, ás vezes, de rir, nas horas mortas...  
E de sentir o riso humedecido  
Das lagrimas das cousas que murmuram  
Escuros, demoniacos segrêdos...  
Doido que sou, meu riso é de alegria...  
Vae através da noite, em alvorôço;  
E logo acorda as Almas, e revela  
Vultos, Perfis, Figuras perpassando  
Em turbilhão, nos ares... borborinhos  
De invisiveis espiritos sem nome...  
Os ventos que o meu rir desencadeia!

"Foi á luz do meu riso lampejante  
Que teu vulto nocturno conquistou  
Este rumor e sombra que é Presença..."

E a Amazona da Noite: "Pois é certo  
Que o riso doido grava no silencio  
Imagens que têm alma e vida propria?"

"—É certo que, ao beijar-me a tua sombra,  
Ela se fez em riso nos meus labios...

"És a fonte sinistra do meu riso...

"E o meu riso te veste de apparencias..."

"—São escuras palavras... não entendo.  
Eu quero conhecer-te. Quem és tu?"

"—Mas eu não sei quem sou. Nunca me vi.  
O nosso olhar, mal nasce, bate as asas,  
E não regressa mais ao lar paterno...  
Leva consigo a imagem verdadeira  
Das cousas, viva imagem transcendente,  
Que a lagrima final, já d'além-mundo,  
Reflecte em sua esféra de agonia.

"Ah, se, ao menos, pudesse ver a imagem,  
Phantastica de bruma, que projecto  
Nos teus olhos que as lagrimas abriram  
Em marmoreas angustias, pétreas dôres?"

"Teus olhos são esphingicos: devoram!

"Não sei quem sou, não sei... Mas que m'importa?"

"Meu gôsto é rir, de noite, no silencio..."

E outra vez, o nocturno Viandante  
Encheu de riso o espaço e o luar extatico:  
A debil luz anémica embebendo-se  
Em sol de primavera e de loucura.

"—Não me conheces, não. Se tu soubesses  
A quem falas, o riso dos teus labios  
Caíria gelado n'uma lagrima.

"Não me conheces, não. Tu nunca viste,  
De perto, a minha Fouce," acrescentou  
A Morte, n'uma voz de irreabilidade  
E de hallucinação e de chimera  
Que os Echos, nem de leve, repetiram.

"—Enganas-te. Conheço-te. De balde  
Escondêste nas dobras do teu manto  
O rôsto cadaverico e as falanges  
Que seguram as redeas que dirigem  
Teu Cavallo-Phantasma, irmão do Vento.

"Ignoras o relêvo e a nitidez  
Espelhenta dos ossos ao luar...  
E conheço-te mesmo pela Fouce  
Que ceifa a seara humana e as outras searas...  
É assim, com esse aspecto, que appareces,  
Em publico, pintada nos paineis."

A Morte silenciosa desvendou  
A descarnada e lúgubre Figura,  
Emudecida e triste contemplando  
Aquela vida humana que, a um seu gesto,  
Subito, baixaria á eterna sombra.

E disse logo o Doido com espanto:

"Ah, sim, tu ris tambem... mas esse riso  
É riso aberto em pedra... quem o ouve?..."

"Um riso todo feito de silencio..."

"—Um dia, os teus ouvidos hão de ouvi-lo;  
E verás a alegria que ele espalha  
Nas almas, já libertas, a voar..."

"—Eu conheço o teu riso; nos meus labios  
É apenas um sorriso; vem de longe;  
Perde o vigor ardente no caminho...  
O sorriso dos labios não é mais  
Que um palido luar, um arremêdo  
Do grande riso eterno da caveira.

"Mas eu amo outro riso,—o que desperta  
As almas, os espiritos da Noite:  
O que trespassa a treva de esplendor,  
E se ouve no infinito e é luz de estrela."

E, de novo, o silencio se interpôz  
Entre a Morte divina e o Sêr humano.

Vinham dos pinheiraes sussurros vagos,  
Prêsos na asa da aragem... orações  
Que as cousas êrmas rezam à Saudade:  
Virgem do Novo Crédo amanhecete,  
Em seu altar de lagrimas e risos,  
Erigido no Templo da noss'Alma,  
E no Templo mais vasto da Natura  
De arboriformes naves verdejantes.

Apparições dos êrmos ao luar,  
Perfis occultos de Almas já sem corpo,  
Almas ainda sonhando a Forma viva;  
As figuras da Noite rodeavam  
A Morte e o seu Cavalo, egual áqueles  
Que sentiram, outrora, as mãos de Apolo.

Tudo era sonho e vida em tôrno á Morte.

E eis que ela exclama então: "Dize o meu nome;  
Dize o meu nome, vá, se me conheces..."

E responde o nocturno Viandante:

"Eu sei bem o teu nome. Quantas vezes,  
Em igneas, vivas letras de oiro, fulge  
Perante o meu espirito de amor.

"E quem te baptisou? Meu coração.  
De agua lustral banhou-te a negra fronte...  
E sua voz anciosa, nomeando-te,  
Roubou assim a morte á propria morte.

"Eu sei tirar das cousas o seu intimo  
Signal harmonioso, a sua forma  
Transcendente e verbal, que é seu espirito..."

"A harmoniosa imagem desprendida,  
Já liberta das Cousas, vem morrer  
Nos meus ouvidos de alma... e ali renasce...  
E ei-la Canção. O Verbo é o meu Delirio:  
Passo a vida a cantar por estes êrmos..."

E a Morte, surpreendida, assim lhe disse:

"Em ti, fala o delirio, a exaltação  
Que só meu tenebroso olhar acalma.

"A Vida é o anormal, o excesso, a febre;  
A Vida é uma doença, uma velhice

Dos mundos: o seu fim. Odeio a Vida;  
Ela está fóra já das leis de Deus.

"Mas quem sou eu, quem sou, ao pé de ti?  
—Sou a Razão ao lado da Loucura...  
Vê que distancia imensa nos sepára..."

Sumiu-se a voz da Morte que ficou  
Pensativa ao luar... Depois, n'um gesto  
Esqueletico e duro, repousando  
Nas ancas do Cavalo a mão direita  
Acariciadôra e descarnada,  
Novamente falou ao viandante:

"Mas, emfim, ha distancias que aproximam.  
E não te oculto mais a simpatia  
Que já por ti eu sinto, muito embora  
Os Destinos e os Fados me proibam  
Qualquer dôce fraquêsa ou sentimento  
Que possam, por ventura, humanisar-me.

"Tua voz me persegue... e até parece  
Amolecer, fundir a dura pedra  
De que meus ossos gélicos são feitos..."

"Embrandeceu-me de alma a tua voz..."

"Apegaste-me a vida... o mal que soffres..."

A Morte, pronunciando estas palavras,  
Conservára-se imovel: seu Cavalo  
Era uma estatua, um marmore de sombra.

E o Louco, de cabelo desgrenhado  
Que o luar, como o tempo, prateava,  
Vestia com a aurora dos seus olhos  
A Amazona da Noite. E, n'um delirio  
Os braços lhe estendeu, e assim lhe disse:

"Tu és a Morte; és a Mulher, portanto.  
Desce do teu Cavalo e vem comigo,  
Porque o Desejo corre no meu sangue!

"Ó Morte, vem comigo! Sobre a terra  
Vagueia o corpo em flôr do nosso Idilio...  
Ah, sim, o nosso idilio é anterior  
Às nossas proprias almas. Desde a origem  
Que ele anda pelo mundo e nos procura.

"Ó Morte, vem comigo! Eu sou a Vida!  
Entrega-te aos meus braços! Quero amar  
Esse corpo de Espectro. Que os meus beijos  
Pousem, a arder, na tua bocca esparsa  
Em nevoa e condensada em frio marmore!"

N'um movimento rápido e gentil,  
Apeou-se a Morte; e, subito, entre as urzes,  
A larga Fouce tragica escondêra.  
E logo o seu Cavalo, em liberdade,  
Começou a pastar as invisiveis  
Ervinhas, transcendentas florescencias  
Que à luz da lua crescem e germinam,  
Onde é mais viva a terra e mais sensivel,  
E a humidade é de lagrima chorada.

"Eis aqui tua Dama," murmurou  
A Morte comovida, oferecendo-lhe,  
A definhada mão gelada e branca,

E cravando nos olhos amorosos  
Da creatura humana a escuridão  
Das suas fundas orbitas vasias.

Era a Parca fitando Apolo; a Noite  
Os braços estendendo com luxúria  
Ao Sol formoso, ardente e juvenil.

E, n'um grande delirio voluptuoso,  
O Doido vagabundo, em suas mãos  
Tomou, beijando-a, a fria mão da Morte.

E, olhae! em vez do gélido contacto  
D'uma ossada, sentiu tocar-lhe os labios  
A carne viva, quente, apetedida!

Caiu aos pés da Morte a sua tunica:  
E a repentina luz d'um corpo em flôr,  
Beijou-lhe os olhos ávidos, acêsos,  
Onde o Desejo ardia e fumegava.

E o Doido balbuciou: "Não és a Morte;  
És a Mulher, a Vida, a Primavera,  
Obra de encantamento e de milagre!

"Tua sombra é luar de formosura..."

Vinham agora nitidas no vento  
As risadas maleficas das Bruxas  
E o sussurro das aguas nos açudes.  
Qual sonho já sonhado, branca nuvem  
Entremostrava os falecidos seios,  
E a bocca fria e morta, n'um sorriso...  
E figurando o ar saudoso e triste,  
Perfis misteriosos palpitavam  
Através da penumbra alumiada.  
E as aves agoireiras, na embriaguês  
Da sombra que, em seus peitos, se embebia,  
Voavam cantando sobre os dois Amantes.

E agora o Doido e a Morte apaixonados,  
De mãos dadas, erravam, no planalto,  
Entre o luar e a noite, o ceu e a terra...

E dizia-lhe o Doido: "És a Mulher  
Disfarçada n'um lúgubre esqueleto,  
Cavalgando através das noites claras...  
Amedrontas os homens que te vêm;  
Mas a mim, que sou Doido, revelaste  
O teu misterio que, afinal, é a vida.

"Deante de mim, tiraste aquela máscara  
Que ri perpetuamente; caiu-te aos pés  
A tunica de nevoa e de crepusculo;  
E os meus olhos então amanheceram  
Sobre esse belo corpo resurgindo  
Do seu nocturno tumulto brumoso."

E a Morte: "A faúla viva crepitou  
Na cinza fria e morta que o Delirio  
Espalha aos quatro ventos da Emoção.

"Eu amo os Doidos, sim, porque a Loucura  
É o desencantamento do meu sêr,  
Reduz-me ao meu sentido verdadeiro."

"—Adoro a Morte só porque é Donzela!  
Na tua mão direita que, inda ha rouco,

Brandia a Fouce tragica de sombra,  
Floresce um lirio branco; e a luz da lua,  
Tocando-te na fronte, é virgindade:  
Beijo... lagrima esparsa... veu de noiva...

"Tu és Venus, ó Morte. Os Amorzinhos  
Em tórno do teu Vulto, alegres, vôam...  
Vejo, na terra, o abril sob os teus pés,  
Embriagam o Azul perfumes misticos...  
O luar, ao pousar, nas tuas mãos,  
Dir-se-á que se converte em pombas brancas.

"E a nevoa sobe como insenso, e vem  
Na tua direção: é um sacrificio  
Á Deusa que tu és... A Naturêsa  
Arde no fôgo eterno dos teus olhos:  
As suas labarêdas são folhagens,  
Faulas, soltas no ar, os passarinhos,  
E o sonho humano é cinza derramada..."

E assim diz a Donzela: "Vês o Amôr  
Onde outros vêm a Morte... Eis o Milagre!  
Tu vês na Morte o Amôr... E quantas almas,  
Embora eu fôsse o Amôr como tu dizes,  
Veriam sempre em mim a negra Morte!"

E diz o Doido: "Eu sou a Creatura  
Que vive, a sós, cantando pelos montes,  
E subo aos altos pinaros cantando...  
Canto os Beijos e os ultimos Suspiros;  
Canto a Morte tambem, porque ela vive,  
Deante dos meus olhos, e é Mulher.

"E sinto que em meus cantos se reflectem  
As falecidas cousas que se animam,  
E vão subindo ao céu na minha voz.

"Vive dentro de mim um rouxinol  
Que espreita a luz do luar pelos meus olhos  
E canta nos meus labios toda a noite.

"Vivo a cantar porque não caibo em mim;  
Porque me excedo e subo muito acima  
Da altitude a que fica o meu espirito.

"E vae a minha vida no meu canto...  
E, fóra do meu corpo, se condensa  
Em Figuras viventes que me falam.

"Meu canto diz aos mortos: Resurgi!  
E eis que eles resuscitam. Diz ás cousas  
Brutas; amae, chora! E eis que elas choram.

"Sou doido... Só passeio em sitios êrmos,  
Através dos pinhaes, á luz da lua  
Que traz, no seu palôr, delidas manchas  
De phantasticos montes e desertos,  
Silencios de outro mundo, soledades  
De paisagens defuntas que o Remoto,  
Com suas mãos de sombra, amortalhou.

"Amo o Silencio, o Luar, a Solidão...  
Sim, porque sei falar ao meu espirito  
Que me fala e contempla... e é outro Sêr...

"O ruido e o sol o Espirito afugentam.

"O creador das almas foi aquele

Primeiro corpo erguido contra a luz...

"O espirito amoroso é irmão da Sombra...

"Eis porque adoro a Morte, sendo humano."

E a Donzela responde: "Este desejo  
Que me incendeia os ossos revestidos  
Da luz do teu olhar, a qual se fez  
Rubôr de carne viva, aneio de alma,  
—Este Desejo a arder que me aproxima  
De ti, é a tua sombra... nada mais...  
Pois que sou em mim propria? O teu amor."

E o Doido: "E em mim que sou? Esta Aparencia,  
Vago Luar que vem de longe, errante  
Figuração de sonho sobre a terra...  
Só a tua Presença me define  
E abrasa em claras formas de relêvo.  
A luz do meu espirito, incidindo  
Sobre o teu sêr-phantasma, é já visível:  
Em ti, é claridade que alumia...  
E os meus olhos fizeram-se fecundos,  
E eu vejo o Amor, a Vida... o meu delirio:  
Esta sombra espectral que se interpõe  
Entre o meu sêr e as outras creaturas,  
Transfigurando imagens, formas, vultos,  
Que se tornam cahoticos, genesicos,  
Concebendo, na Sombra, um novo Ritmo..."

E a nocturna e phantastica Donzela,  
Encantada, nevoenta de volupia,  
Sentia-se animada pela estranha  
Loucura, fogo animico e amoroso  
Que dos olhos do Doido se exalava  
Envolto em tôrva luz visionaria.

Era a terra queimada pelo incendio  
Canicular, beijando o orvalho fresco:  
A propria dôr da noite caida em lagrima...

"—Que mudanças soffri! Nem me conheço  
Desde que te encontrei! Meu esqueleto  
De viva carne em flôr se revestiu:  
Assim o musgo cresce n'uma rocha,  
Diluindo-lhe as nitidas arestas,  
Sua bruta dureza enternecendo.

"Nos buracos horriveis dos meus olhos  
Duas meninas, rindo, se debruçam:  
Duas formosas noivas radiosas...  
E no gélido vacuo do meu peito  
Fez-se um calor de sol; a Primavera  
Corre nas minhas veias, já floresce  
Este barro de sombra que é meu corpo.

"Ah, sim, eu desconheço-me! Não sou  
Quem fui! Não sou a Morte: sou o Amor.  
Que é da morte que fui? Onde está ela?

"Ó Loucura magnifica! Delirio!  
Ó Vida que as estrelas incendeias  
E abres, falando, ouvidos nos rochedos!  
Deus é o Doido suprêmo! Olhae a terra  
Inda mostrando a sombra desvairada  
Desse antigo e divino Pesadêlo:  
Assim a pedra rustica dum lar

Mostra a amorosa mão que a trabalhou.

"Tua vida não vive em ti sómente;  
Vive além do teu sêr; talvez alcance  
Vagos mundos remotos e perdidos...  
Quem sabe as criaturas que te vêm  
De infinitas distancias e que choram  
Se uma lagrima inunda o teu cantar?..."

"Eu, que era a Morte, a fria Indiferença,  
Insensibilizando as criaturas  
Em que pousava a minha mão fatidica;  
Eu que vivia, enfim, a minha morte  
Assim como tu vives tua vida,  
—Ouvindo-te falar, deixei de ser  
O Esqueleto-Phantasma que apavora  
Tudo quanto é sensível e vivente,  
Para ser a Mulher, o Encanto, a Flôr,  
Venus, ébria de sol, fitando o Sol..."

"Sou a tua Loucura feita Virgem;  
Teu Sonho feito Corpo; a tua Sombra,  
Até aqui negra e morta sobre a terra,  
N'este instante, de pé, reanimada,  
Cheia de luz, falando-te e sorrindo.

"Se és um doido cantando pelo mundo,  
Sou a tua Canção..."

E o Doido errante:

"És a minha canção... por isso mesmo  
Tu és *alguem* que eu sinto ao pé de mim;  
Vejo, ao luar, a sombra que tu fazes!..."

E acrescentou depois, olhando, ao longe,  
Chimericos esbôços de montanhas,  
Cêrros d'além do mundo, nevoas mortas,  
A Saudade alongando-se em Paisagem:

"Todas as cousas êrmas que o crepusculo  
Deixa entrevêr, são cantos que eu cantei;  
Pousaram, por instantes, na minh'alma..."

"Olha este ramo de urze rasteirinho,  
E aquele scintilante orvalho vivo,  
E aquela rocha de perfil esphingico...  
Fôram cantos, outrora, nos meus labios,  
Lagrimas nos meus olhos... E, depois,  
Não sei porque terrível maldição,  
Ei-los cristalisadas, fulminadas  
Apparencias de inercia e de brutêsa!

"Talvêz (quem sabe?) a maldião terrível  
Que a resurgida Eurídice, de novo,  
Em morta Sombra fria converteu!

"A maldição que vae na luz do olhar,  
E mata, sem piedade, o nosso amôr:  
A creatura amada que nós vêmos  
Nascer viva das ondas da Harmonia,  
Como Venus das ondas oceánicas.

"Ai d'aqueles que, um dia, contemplaram  
A creatura amada, face a face!

"Ai de ti, ai de ti, divino Orfeu!  
Lira desencantada e redusida

A uma cruz de penumbra e de silencio..."

E o Doido continuou, mas brando e triste:

"Quando me deito á sombra d'um rochedo  
Ou á sombra mais leve d'uma nuvem,  
Eis que ela pousa logo em meus ouvidos  
Harmoniosa da canção que foi..."

"Sim: na imagem extatica das Cousas  
Repercute-se ainda vagamente  
O cantico gerado em meu espirito..."

"Vejo Saudade e Euridice... Perpassam  
Na neblina que a vista, enfraquecendo,  
Ergue nos ensombrados, êrmos longes.

"E sempre que a Saudade se aproxima  
De Euridice, alta Sombra de belêsa,  
Esta quasi resurge; e, no seu rosto,  
Vago, sanguineo alvôr, sorrindo, aflora.

"Ó silencio dos Êrmos! Ó meu canto,  
Perdido e morto, em mim, revive! Aquece  
Os troncos esqueléticos das arvores,  
A noite fria n'um suor de estrelas!  
Anima a luz do luar... Que a tua voz  
Lhe afogueie o sorriso arrefecido."

E volvendo á Donzela o Doido errante  
Os olhos, onde a imagem da Loucura  
Tinha a trança revôlta e a face pálida:

"Quizera vêr teu busto á luz do sol;  
A luz viva que sabe definir,  
Beijando-as, com amor, as formas finas  
Da Carne e do Desejo, e lhes insufla  
A côr primaveril, o sangue, a rosa..."

E a Morte lhe dizia como em sonhos:

"Não chames pelo sol: é desencanto.  
O sol apaga as Almas quando nasce;  
Ele não ama o teu delirio... e odeia-me..  
E o luar nos protege: é nosso amigo.  
Seu mistico sorriso é encantamento  
E resplendor de espirito que anima  
Corpos mortos de nevoa... Apparições..."

"Sou a tua Canção imorredoirá,  
Eternamente alada, fluida e viva!

"Sou a tua canção. Que o meu passado  
Não me torne a empecer e a atormentar.

"Vivas seáras sem fim de creaturas  
Ceifei, cantando, só para entreter  
Meu doloroso esfôrço e meu suor.  
Mas escondi a Fouce: que a ferrugem,  
Que o tempo lhe embrandeça o fino gume,  
Sequioso de lagrimas e sangue.

"Ceifei; mas quero agora semear.  
E já não murcha as flôres o meu beijo,  
Nem põe nodoas nos olhos das estrelas.

"Meu beijo agora é o beijo nupcial:  
Gota de orvalho comungando o Sol,

A lagrima que tem o Sol no peito.

"Meu beijo é o beijo ideal da Renascença,  
Partindo, como um raio, os frios marmores  
Dos tumulos de Pan e de Jesus!"

E a Morte e o Doido, extaticos, falaram  
Durante muito tempo: Ele, embebido  
Em seu profundo e vago pensamento  
Que de infinito amôr lhe mascarava  
A cousa contemplada, de maneira  
Que tudo o que ele via sobre a terra  
Tinha o perfil da sua comoção,  
Tinha a propria figura da sua alma.

Era o signal divino da Loucura...

Ela, a Donzela Morte, embriagada  
Por um calor de vida florescente,  
Engrinaldando em rosas e desejos  
Seus resequidos ossos insensíveis.

Falaram muito tempo... E bem se via  
Que a voz humana os echos estremunha,  
Que a voz da morte os echos adormece...

A Lua anoitecêra... No horisonte  
Alvorava através de brancas nuvens  
Frio sorriso de oiro e de tristêsa.  
Dir-se-ia que a paisagem se firmava  
Em seus aspectos nitidos, erguendo,  
No ar, as formas quasi definidas.

E, súbito, a Donzela misteriosa,  
Do seu profundo sonho despertando,  
Beijou na face o Doido; e assim lhe disse:

"É o meu ultimo beijo; não o esqueças.  
Lembra-te d'ele sempre até chegar  
A hora da tua morte... o meu instante."

"—Que dizes tu? Vaes-me deixar, acaso?"

E o Doido estremeceu, sentiu pousar-lhe  
Na fronte sonhadora, aquela neve  
Que desgasta a belêsa, o sonho, a graça,  
Roendo a flôr da carne, anoitecendo  
A harmoniosa luz das linhas puras,  
Desencantando as formas, reduzindo-as  
À sêca, esteril cinza da Verdade.

E a Morte, ao afastar-se, respondeu:

"Que hei de fazer? Cumprir o meu fadario.  
Antes de haver, no mundo, o teu delirio,  
Eu existia já, tu comprehendes?"

"—Tu és agora, o amôr, a vida, emfim!"

"Dizes *agora*, mas eu digo *outrora*.  
Volto ao que fui, ouviste? Eis o Destino."

E o Doido n'um espanto: "D'onde vinhas  
Quando chegaste ao pé de mim? Responde!  
E agora aonde vaes tu? Qual o teu rumo?"

A Morte, já a cavallo, segurando  
Na mão, a velha Fouce relusente,  
Olhae! a propria aurora reflectindo...

Reintegrada, de novo, no seu funebre  
Esqueleto que um manto de crepusculo  
Em mortuarias dobras envolvia,  
Na sua voz de Espectro, murmurou:

"Vim de fechar os olhos a uma Virgem;  
Vou apagar os olhos d'uma estrêla."

E o Doido viu a Morte e o seu eterno  
Riso rasgado em marmor de sarcasmo,  
Ocultar-se na branca e fria nevoa  
Que, ao receber, no seio, aquele Espectro,  
Como que cheia de agua, escureceu.

E riu tambem na luz da madrugada...  
E o seu riso, tocando as cousas mortas,  
Não era luz que acorda, mas penumbra  
De esquecimento, inercia, indiferença.

E o Doido então cantou aos quatro ventos:

"Tive nos braços a Morte.  
Tu bem viste,  
Noite triste!  
Tu nos beijaste a ambos, vento norte!  
Teu beijo nos casou.  
Pôz-te o luar na fronte a branca flôr,  
Ó meu amor,  
Que a luz da aurora me roubou!

Tive a Morte nos braços, ó Loucura!  
Que lindo corpo gentil!  
Seu Phantasma era um abril,  
Seus ossos eram feitos de ternura!

E ri, de noite; e o meu riso  
Na sombra do ar chorava...  
E tudo abria os olhos e falava...  
A noite é como o *dia do juizo!*

Vi Mortos resurgidos,  
Mostrando a carne em flôr sobre o esqueleto,  
Quando o frio crepusculo se espalha,  
E os môchos piam nos pinhaes tranzidos  
De terror secreto,  
E a dôr, suspensa no ar, a terra orvalha...

E eu ri de noite. E fiz mais:  
Bebi o riso na origem,  
Nesses labios espectraes  
Da Morte Virgem!  
Vi o riso verdadeiro,  
O riso desmascarado;  
Não esse riso envolto em nevoeiro,  
Amortalhado...  
Mas o riso—relampago fendendo  
A nossa magua,  
E revolvendo,  
Ó lagrimas de dôr, teus seios de agua!

Vi o riso que alumia  
O nosso fim...  
O cirio eterno a arder ao pé da cova,  
A eterna flôr do edenico jardim:  
A luz do dia,  
Sempre nova.

E ri na cara da Morte,  
Ó vento norte,  
O riso que ela me deu!  
E de traz d'um rochedo,  
Ergueu-se o vulto pálido do Mêdo...  
Que frio gesto e lugubre estatura  
Ébria de ceu,  
Somnambula de Altura...

E vi o fundo ao Riso. A minha dôr  
Tocou-lhe o fundo. E vi de perto, então,  
A sombra inicial da Creação,  
A luz final do Amor!

E eu ri na noite triste! E á luz da aurora,  
O meu sorriso empalidece e treme,  
E geme  
E chora:  
Assim uma candeia  
Brilha na sombra, e, triste, bruxuleia  
Á luz do sol tão forte,  
Que ás outras pobres luzes traz a morte.

E o dia vem nascendo... Que tristêsa!  
Manhã cinzenta e baça!  
Como perde a paisagem a belêsa:  
A penumbra que a veste, e é sonho e graça...

Adeus, ó Morte, ó velha irmã  
Da sombra, do silencio e do luar...  
Ó frio desencanto da manhã!  
Já vejo naufragar,  
Na voragem da aurora, o meu cantar!  
Ó claridade!  
Ó sol! Ó sol! Aparições do Ruido!  
Movimento desmedido!  
Poeira humana... Actividade!

Levou-me a luz do dia o que me trouxe  
A noite, a solidão, a luz do luar...  
E a Morte, que em meus braços foi Donzela  
E corpo de beijar,  
Pegou da fria Fouce  
Saltou ligeira, rindo, á dura séla  
E foi ceifar, ceifar!

E enquanto o Doido ao vento assim cantava,  
Trotava a Morte ao longo do planalto,  
Na meia luz, na meia realidade...  
E a sombra da sua Fouce, em negra curva,  
Ia da aurora ao poente; e a do seu corpo,  
Parecia manchar toda a Paisagem.

Ficára a sós o Doido e a sua vida;  
E tres noites cantou aquela estranha,  
Milagrosa aventura que, depois,  
O Imaginar do Povo consagrou  
N'esta Lenda, em que a noite e a luz do sol,  
A vida e a morte, as lagrimas e os beijos,  
São como a propria Sombra da Saudade.

E ele viu, através do seu delirio,  
Pela primeira vez, sua figura  
Enigmatica, occulta, transcendente...  
Viu que existia n'ele um outro sêr:  
O que domina as trevas e possui  
Sempiterna Presença Espiritual...

Parte da sua vida inominada  
Que não é propriamente a sua vida,  
E constitue as vagas e remotas  
Fronteiras da sua alma que se perde,  
Em humildade e amor, na luz de Deus.

Sim: foi a Morte, foi, que lhe mostrou  
O que havia de belo e de perfeito  
Na sua escura e misera existencia,  
Com esse gesto descarnado e gélido  
Que os sorrisos apaga e que amortece  
Todas as vãs palavras e ironias,  
Derramando nas Cousas esta sombra  
Infinita e profunda que se chama  
Seriedade, Religião, Misterio...

Novembro de 1912.

Biblioteca da RENASCENÇA PORTUGUESA

A Águia—Revista mensal.  
A Vida Portuguesa—Quinzenário.  
A Evocação da Vida—*Augusto Casimiro*.  
 regresso ao Paraíso—*Teixeira de Pascoaes*.  
Esta História é para os Anjos—*Jaime Cortesão*.  
O Espírito Lusitano ou o Saudosismo—*Teixeira de Pascoaes*.  
A Sinfonia da Tarde—*Jaime Cortesão*.  
O Criacionismo—*Leonardo Coimbra*.  
A Educação dos povos peninsulares—*Ribera y Rovira*.  
Romarias—*António Correia de Oliveira*.  
A Primeira Nau—*Augusto Casimiro*.  
Cintra—*Mário Beirão*.

#### **NO PRELO:**

Daquem e Dalem Morte (Contos)—*Jaime Cortesão*.  
O Último Lusíada—*Mário Beirão*.  
Camilo Inédito—(*Notações de Vila Moura*).  
Só—*António Nobre* (3.ª edição, com notas).

200 réis

End of Project Gutenberg's O Doido e a Morte, by Teixeira de Pascoais

\*\*\* END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK O DOIDO E A MORTE \*\*\*

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as

creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

**START: FULL LICENSE**  
**THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE**  
PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at [www.gutenberg.org/license](http://www.gutenberg.org/license).

**Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works**

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org). If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found

at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of

a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

## **Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™**

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org).

## **Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation**

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at [www.gutenberg.org/contact](http://www.gutenberg.org/contact)

## **Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation**

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit [www.gutenberg.org/donate](http://www.gutenberg.org/donate).

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small

staff.

Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: [www.gutenberg.org/donate](http://www.gutenberg.org/donate)

## **Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works**

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org).

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.